

Entre doentes e mosquitos: a dengue ronda o Paraná em 1986

Between sick people and mosquitoes: dengue around Paraná in 1986

Huener Silva Gonçalves

Professor da Faculdade ASA (Brumadinho-MG) e Técnico em Assuntos Educacionais (CEFET-MG);
Mestre e Doutorando em História (UFMG)

Jorge Tibilletti de Lara

Mestre e Doutorando em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS/COC/Fiocruz-RJ)

Resumo: Antecedentes de epidemias ou pandemias, como o cenário vivenciado anteriormente à chegada da COVID-19 no Brasil, se apresentam como importante aspecto de variados trabalhos na perspectiva da História Social das Doenças. Além de notícias advindas dos epicentros das epidemias ou pandemias por meio da imprensa, correspondências e outros tipos de documentos, esse “prólogo epidêmico” abarcaria as primeiras repercussões entre autoridades médicas, sanitárias e políticas, e, em alguns casos, a mobilização de recursos governamentais disponíveis e a tensão gerada no seio da população, propiciando a conformação de uma representação social prévia do fenômeno epidêmico e da doença. Considerando esse viés, este artigo tem como propósito abordar as repercussões da marcante epidemia de dengue ocorrida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em 1986, sobre o Paraná a partir de publicações do *Correio de Notícias*. Casos importados de Nova Iguaçu/RJ notificados em Curitiba e a identificação de focos do vetor *Aedes aegypti* no interior, como as ações do poder público para prevenir uma possível expansão da epidemia que grassava em terras fluminenses, ganharam destaque no diário curitibano, contribuindo para a conformação de uma representação social da doença e do evento epidêmico entre os paranaenses.

Palavras-chave: Dengue, *Aedes aegypti*, Epidemia, *Correio de Notícias*, Paraná.

Abstract:

Antecedents of epidemics or pandemics, such as the scenario experienced before the arrival of COVID-19 in Brazil, are presented as an important aspect of various works from the perspective of the Social History of Diseases. In addition to news coming from the epicenters of epidemics or pandemics through the press, correspondence and other types of documents, this “epidemic prologue” would encompass the first repercussions among medical, health and political authorities, and, in some cases, the mobilization of government resources available and the tension generated within the population, providing the conformation of a previous social representation of the epidemic phenomenon and the disease. Considering this bias, this article aims to address the repercussions of the remarkable dengue epidemic that occurred in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro, in 1986, on Paraná, based on publications by *Correio de Notícias*. Cases imported from Nova Iguaçu/RJ notified in Curitiba and the identification of outbreaks of the *Aedes aegypti* vector in the interior, such as the actions of the government to prevent a possible expansion of the epidemic that was raging in Rio de Janeiro, gained prominence in the Curitiba daily, contributing to the conformation of a social representation of the disease and the epidemic event among the people of Paraná.

Keywords: Dengue, *Aedes aegypti*, Epidemic, *Correio de Notícias*, Paraná.

Introdução

Em dezembro de 2019, notícias relativas à internação de convalescentes por misteriosa pneumonia, no hospital da cidade chinesa de Wuhan, ganharam destaque na imprensa mundial. Como no restante do globo, a imprensa brasileira passou a acompanhar e informar a trajetória no que se configurou, em 2020, como uma pandemia. Em janeiro, ganharam relevância a primeira morte pela doença, a tomada da urbe chinesa pela doença e por medidas restritivas, a expansão de casos em outros continentes e a declaração de emergência sanitária global pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Além do drama chinês e do avanço do número de casos e óbitos em outros países, como na Itália, foi destaque, em fevereiro, a nomeação do mal como COVID-19, ou doença transmitida pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2), pela OMS (MARQUES, SILVEIRA e PIMENTA, 2020). Em março, o anúncio de estado de pandemia pela OMS foi o grande acontecimento jornalístico. Apesar disso, ao longo desse sinistro percurso, as primeiras impressões da OMS, disseminadas pela imprensa, eram de que a doença apresentava baixa letalidade, o que levou no Brasil, o midiático médico Antônio Drauzio Varella, em janeiro, e políticos como o presidente da República Jair Messias Bolsonaro, e o ministro da saúde, o médico Luiz Henrique Mandetta, em março, a tratarem a mesma como uma síndrome gripal comum (PEREIRA, MARQUES e ARAÚJO, 2020). Aliás, em um primeiro momento, a possibilidade de explosiva epidemia de dengue, importante arbovirose – doença viral transmitida por inseto – de interesse nacional, preocupava mais às autoridades de saúde para o ano que se iniciava do que a COVID-19. Considerando o cenário de avanço da pandemia, Mandetta ressaltou que o Ministério da Saúde, em rede com as secretarias estaduais e municipais de saúde, estava monitorando possíveis casos, buscando prevenir a transmissão comunitária da doença, e preparando o Sistema Único de Saúde (SUS) para socorrer os doentes (SADI, 2020). Entretanto, naquele mês, era confirmada a transmissão comunitária do vírus e o atendimento dos primeiros casos no SUS. O Brasil tinha se tornado mais um dos territórios ocupados pela pandemia.

Esse processo de extensão das epidemias, ou de pandemias, que reúne seus epicentros às regiões ainda ílasas, tendo como meio a circulação de conteúdos e conhecimentos via imprensa geral e especializada, até o desembarque da moléstia, encontra-se presente em estudos da História Social das Doenças, sobretudo, na História das Epidemias. Análises que focaram o desenvolvimento de epidemias e pandemias em variadas regiões do Brasil, como a de cólera, em meados do século XIX, e a de influenza, em 1918, destacaram o período de antecedência da chegada desses fenômenos. Tânia Pimenta (2004, 2013), André Nogueira (2016), Ana Carolina Fonseca e Anny Jackeline Silveira (2019), entre outros, apontam para a recepção de conteúdos na imprensa leiga e especializada sobre o cólera desde 1830, que afligia populações na Europa e outras partes do mundo. A representação social formatada sobre a doença modelou os ânimos da população, oscilando entre temor e familiaridade, e motivou a preparação para o desembarque da mesma por alguns governantes no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Por outro lado, estudos relativos à presença da influenza no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e em outras localidades brasileiras, em 1918, assinalam que autoridades políticas e sanitárias

acreditavam que seus aparatos de saúde e as características ambientais e higiênicas das cidades contribuiriam para enfrentar, mais uma vez, a conhecida gripe. Com isso, intentavam amenizar a situação. Entretanto, a proliferação descontrolada da doença e a falência da estrutura de saúde existente levaria ao cenário de ações reativas governamentais (BRITO, 1997; SILVEIRA, 2008; SOUZA; 2009).

Antecedentes do desembarque de uma epidemia, ou pandemia, em determinado território, abarcando a recepção de notícias, os conhecimentos preliminares, as primeiras repercussões entre autoridades médicas, sanitárias e políticas, e, em alguns casos, a mobilização de recursos governamentais disponíveis e a tensão gerada no seio da população, propiciando a conformação de uma representação social prévia do fenômeno epidêmico e da doença, podem ser denominados de prólogo epidêmico, um preâmbulo do drama epidêmico (ROSENBERG, 1992; CUNHA, 2002). Para analisar o prólogo epidêmico, esse trabalho se servirá da noção de representação social da doença, definida como “um conjunto de imagens, sentimentos, configurações plásticas ou literárias, bem como valorações, pelo qual, apesar de seus diferentes modos de manifestação, doenças específicas vêm sendo ao longo do tempo representadas nas mentalidades coletivas” (NASCIMENTO et al., 2018: 37). Tal viés é derivado das contribuições de Serge Moscovici (1978), que compreendeu a representação social como resultante de uma dinâmica que se iniciaria pela seleção de informações, passaria pela formulação e disseminação de uma imagem que parece lógica para os diversos atores sociais, se tornando autônoma, natural no tecido social.

Feitas essas considerações, este trabalho se concentrará na recepção e repercussões da epidemia de dengue ocorrida na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1986, pelo território paranaense, com destaque para a sua capital, Curitiba. Atores como a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), as secretarias estadual e municipal de saúde, doentes e vetores ajudarão a pintar o quadro proposto. Vestígios colhidos no periódico curitibano *Correio de Notícias*, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) municiarão o esforço analítico pretendido.

A dengue pelas lentes da historiografia

Pela magnitude do evento e do local, o surto epidêmico de 1986, ocorrido no Rio de Janeiro, é lembrado até os dias atuais como importante marco na reemergência da dengue no país. Iniciadas a partir daquele ano, a sequência de epidemias tornou a cidade uma referência da doença nas páginas, e em outros formatos de mídia, da imprensa nacional e internacional. Na historiografia, essa epidemia já foi retratada por alguns autores. Com exceção da monografia de Ferreira (2017), que focou seu estudo sobre a dengue em Uberlândia/MG, ocorrido em 1992, e de Lara (2019a), que analisou a suposta presença da doença em Curitiba no século XIX, verifica-se que as demais pesquisas se dedicaram a ocorrência da dengue e seus desdobramentos na capital fluminense (BULHÕES, 2008; NASCIMENTO et. al, 2010, PAIVA, MARINHO e MOTTA, 2016; LOPES e SILVA, 2019; LARA, 2019b, 2020; LOPES e LARA, 2021). A relação dengue-Rio de Janeiro também foi contemplada em trabalhos de outros campos, como os das antropólogas Neiva Cunha (2002) e Anamaria Fagundes (2004). Entre os estudos citados, destacam-se os que

tiveram como objeto a epidemia ocorrida em 1986. Periódicos de ampla circulação, como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Fluminense*, *a Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, entre outros, se constituíram como importantes fontes para a compreensão de aspectos políticos, sociais, das ciências da saúde e da medicina em suas narrativas.

Pioneiro na análise da epidemia, o estudo de Neiva Cunha (2002) se fundamentou na teoria do drama social de Victor Turner, que abre a possibilidade de pensar o contexto epidêmico a partir de estágios¹. Considerando essa teoria, e tendo como fontes conteúdos produzidos pelos periódicos de ampla circulação, a antropóloga reconstruiu a trama, considerando a cronologia da epidemia e sua dimensão biossocial. De forma sucinta, essa dimensão reuniu atores não humanos, como os vetores *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, e o vírus DENV-1, causador da forma clássica ou benigna da doença, e humanos, como relatos de populares, associações comunitárias, Exército, Igreja, imprensa escrita, instituições científicas, autoridades sanitárias pertencentes aos quadros federal, estadual e municipal. Além disso, as secretarias estadual e municipal de saúde e autoridades políticas dos três entes federativos em meio a embates em torno da definição dos culpados e dos responsáveis pelas medidas a serem executadas para o controle e dissipação da epidemia foram mencionados. Enfim, vários dos elementos elencados se tornaram mais ou menos recorrentes na historiografia sobre o tema.

Primeiro estudo no campo da História a trazer uma sucinta menção sobre a epidemia, o trabalho de Dilene Nascimento *et al.* (2010), considerando aspectos relativos às controvérsias políticas, táticas de enfrentamento da doença e de seu vetor, presentes em Cunha (2002), assinalou que o drama retratado na primeira epidemia se repetiria, seguidamente, até 2002, marco final do estudo. Além disso, a história da arbovirose “estaria estreitamente vinculada à história do mosquito e seu combate, com o objetivo de interromper a transmissão da doença”, em um processo de descontinuidade de políticas públicas para esse fim (NASCIMENTO *et al.*, 2010: 212).

Carlos Paiva, Dayane Marinho e Davi Motta (2016) apontaram as permanências e rupturas após trinta anos daquela epidemia. O estudo amplia uma das conclusões de Nascimento *et al.* (2010) ao ponderar que a explosiva epidemia de 1986 marcou o “início de um vigoroso ciclo de epidemias de dengue que, em alguma medida, ainda não se fechou na cidade do Rio de Janeiro” (PAIVA, MARINHO e MOTTA, 2016). A contribuição do trabalho vai no sentido de lembrar que a epidemia não ocorreu desconectada do contexto de crises e transformações políticas, econômicas, na saúde pública, e em outras dimensões, presenciadas na transição da Ditadura Civil-Militar para um novo período de Democracia, a Nova República. É nesse processo que emergiu a Constituição brasileira de 1988, com a assunção de novos direitos que configuram a cidadania, entre eles, a saúde, que deveriam ser garantidos pelo Estado. É reforçada a discussão em torno da responsabilidade política diante da forma como cada ente federativo tratava a doença e o vetor. É lembrada a carência de recursos para a promoção de políticas preventivas para aquele tipo de doença, em uma saúde dominada pelo modelo hospitalar-curativista, para o investimento em

1. Conforme Turner (2008), o drama social se configuraria em um “processo escalonado de embates”, inaugurado pela ruptura pública de vínculos regidos por normas sociais em um dado grupo, seguido pela ampliação da crise, em que, gradativamente, emerge a intrigas e os contendores, com o intuito de se conter a crise, estratégias de natureza diversa, com a finalidade de ajuste e recuperação do sistema adulterado e dissipar os conflitos, são acionadas; e por fim, a pacificação dos conflitos, com a legitimação social da reintegração ou cisma dos grupos.

moradias e saneamento em regiões carentes. Ao término, outra contribuição do texto é ressaltar o acompanhamento da situação pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), que enviou técnicos para apoiar as ações brasileiras.

Gabriel Lopes e André Silva (2019) assinalaram que a epidemia sinalizou a reintrodução do vetor *Aedes aegypti*, sendo o Rio de Janeiro importante ponto difusor para o restante do país. A partir desse evento, a ameaça de epidemias de grande escala se tornou uma preocupação constante na imprensa e de autoridades sanitárias e políticas. Foi a partir desse evento que o mosquito da febre amarela passou, também, a ser popularmente denominado de mosquito da dengue. Ainda segundo os autores, “o ano de 1986 pode ser considerado um marco para uma sucessão de eventos que tornam visível uma catástrofe que tem seu sentido renovado após a emergência de zika e chikungunya em 2015” (LOPES e SILVA, 2019: 96).

Os trabalhos de Jorge Tibilietti de Lara (2019a, 2019b, 2020) são, até o momento, os mais específicos e extensos sobre a história da dengue. Lara estudou uma possível história da dengue no século XIX (2019a), a repercussão da doença na sua primeira grande epidemia oficial, no Rio de Janeiro de 1986 (2019b), e em sua dissertação de mestrado explorou a história da doença em uma longa duração, utilizando posteriormente a doença como estudo de caso para analisar o desenvolvimento da virologia brasileira (LARA, 2020). Seus estudos colaboram no exame da atuação de cientistas e sanitaristas da Fiocruz quanto às críticas ao que estava sendo realizado em termos de enfrentamento da doença, na proposição de soluções, explicitados em jornais e em eventos, como o debate sobre a doença promovido pelo Centro de Estudos da Escola Nacional de Saúde Pública (CEENSP), em 30 de abril de 1986, e na atuação do Laboratório de Flavivírus. Este laboratório, recém-inaugurado na época, teve papel preponderante no isolamento do vírus DENV-1, validando o diagnóstico de dengue clássico, tratado como passo importante para a definição de ações a serem tomadas pelo poder público. A atuação dos atores elencados pelos trabalhos de Lara (2019b, 2020), em diálogo com os de outros setores sociais, colaboraram para a configuração da representação social da doença e da epidemia frente à população naquele momento. Tal sentido prevalece em recente estudo desse autor em co-autoria com Gabriel Lopes.

Gabriel Lopes e Jorge Tibilietti de Lara (2021) verificaram que a aludida epidemia, para além de se configurar como arena de tensões políticas, envolvendo autoridades políticas e sanitárias municipais, estaduais e federais, também contribuiu para o trânsito de conhecimentos e cooperação entre pesquisadores brasileiros e cubanos. Naquele ano, por exemplo, a Fiocruz recebeu a palestra do médico cubano Carlos Dotres Martinez, importante ator na luta contra a epidemia que assolou o seu país em 1981.

Apesar da identificação de focos do vetor em outras regiões brasileiras, em um primeiro momento, autoridades políticas e sanitárias, e mesmo a imprensa, tratavam a questão como circunscrita ao espaço que grassava a epidemia (LOPES e LARA, 2021). Entretanto, como este estudo almeja demonstrar, o aparecimento de casos importados, somado à presença do vetor, recomendou às autoridades e a imprensa tradicional tratar, como risco iminente, a expansão da doença e da epidemia em outros estados. Portanto, justifica-se a importância de se analisar a recepção de decorrências desse fenômeno biossocial pela imprensa de outros estados e municípios brasileiros, objetivando captar suas repercussões entre políticos, cientistas e outros atores sociais.

A sombra da epidemia em Curitiba

Segundo Lara (2019a), em 1896, o médico Trajano Joaquim dos Reis publicou no periódico *Gazeta Médica da Bahia* uma nota clínica intitulada *A febre dengue em Curityba*. Nela, o autor descreve uma moléstia, que teria atacado Curitiba e outras regiões paranaenses, simultaneamente com o reinado da epidemia de Influenza, entre 1890 e 1891, cuja sintomatologia equivaleria a entidade nosológica febre dengue (LARA, 2019a). Apesar de apresentar sintomas semelhantes a dengue atual, o médico não dispunha de conhecimentos bacteriológicos específicos da doença para trazer à sua descrição a presença do vetor *Aedes aegypti* ou qualquer um dos quatro tipos de vírus da doença². Mesmo se tratando de uma suposta dengue, ou proto-dengue, quando comparada com a dengue contemporânea, é importante mencionar que se trata do primeiro registro de uma moléstia de nomenclatura semelhante em terras paranaenses. Passados quase 100 anos daquela visita, uma enfermidade homônima se faria presente no Paraná, tendo influência da epidemia que grassava em 1986, ganhando as páginas do *Correio de Notícias*.

Fundado em Curitiba, em 1977, o *Correio de Notícias* era um periódico que dialogava com os tempos de redemocratização que o país passava a viver naquela época (LEANDRO e BAR-SZCZ, 2021). Ao longo de sua existência, até 1992, conforme sugere o acervo disponibilizado pela FBN, era um diário que priorizava o contexto paranaense, sobretudo, o de Curitiba. Por outro lado, pelos laços que possuía com agências nacionais, como a do *Jornal do Brasil*, *Agência Estado* e a *Empresa Brasileira de Notícias*, e internacionais, como *United Press Internacional*, *Agence France Press*, *Agência Pública de Saúde do Reino Unido*, *Reuters*, *Sport Press* e *Associated Press*, replicava conteúdos de escala nacional e internacional que poderiam impactar o cenário local e regional. Em 15 de maio de 1986, a nota *Compromisso renovado*, destacou o engajamento editorial do periódico em se constituir enquanto espaço democrático, de liberdade de opiniões e de crítica política da realidade brasileira. O texto trazia como destaque a visibilidade “das deficiências do sistema sanitário, que permitem o reaparecimento da dengue e da febre amarela” (COMPROMISSO..., 1986: 1). A dengue, porém, vinha desfilando pelas páginas do periódico desde fins de abril. Nossa análise verificou uma aproximação do conteúdo produzido pelo diário paranaense com o de outros jornais, como o *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*, utilizados pela historiografia, tanto em sua cobertura da emergência da epidemia em Nova Iguaçu/RJ, o isolamento do vírus, sua proliferação pela Região Metropolitana do Rio de Janeiro, divergências e convergências entre autoridades políticas e sanitárias, a atuação estatal e de setores da sociedade, quanto o seu gradual controle e dissipação em junho e a criação de um plano nacional de combate ao vetor *Aedes aegypti*, uma vez constatada sua presença em outras regiões do país. O seu diferencial, entretanto, estaria em trazer à luz as decorrências da epidemia no Paraná. Uma delas era a presença de acometidos pela doença em Curitiba, suscitando o alerta de instalação da epidemia na cidade.

Em 03 de maio de 1986, o mais temido era noticiado pelo *Correio de Notícias*. Uma curitibana, que excursionou com outros 110 turistas, entre os dias 18 e 21 de abril, na região fluminense

2. Sobre uma possível história de longa duração da dengue, ver Lara (2020).

assolada pela epidemia de dengue, estava internada desde o dia 30 daquele mês no Hospital Estadual Oswaldo Cruz, em Curitiba, com sintomas da doença (APARECE..., 1986). Quando da divulgação do fato à imprensa no dia anterior, o Diretor Geral da Secretaria da Saúde e do Bem Estar Social (SESB), o médico Fernando Lopes Martins, informou que 19 viajantes, de 100 dos que compareceram à unidade hospitalar, apresentaram quadro semelhante. Esses realizaram exames clínicos e tiveram amostras de sangue coletadas pela Fundação de Saúde Caetano Munhoz da Cruz, que confirmaria o diagnóstico de dengue. Uma subseção da matéria, intitulada “excursão perigosa”, apresentou uma sucinta reconstituição da viagem até a entrada da paciente no hospital, feita por Martins:

Para isso, fretaram dois ônibus de uma empresa rodoviária e partiram de Curitiba no dia 18 às 20 horas. Chegaram ao Rio dia 19 pela manhã e se dirigiram a um hotel, onde havia sido feita reserva de aposentos. Lá chegando, constataram que as mesmas, por um lapso, não foram feitas. Face a isso, foram até o Motel Fleming, localizado na BR-116, no município de Nova Iguaçu/RJ, onde todos conseguiram hospedagem. Durante os dias 19, 20 e 21, saíram cedo do hotel e foram para a cidade do Rio de Janeiro, onde passaram todo o dia. Dia 21, à noite, retornaram, chegando em Curitiba às 6 horas da manhã do dia 22 de abril. Dia 30 de abril, às 18 horas, uma pessoa ao ser examinada por um médico do Hospital Oswaldo Cruz, teve o diagnóstico clínico e epidemiológico como dengue – uma vez que havia participado da excursão em Nova Iguaçu esteve presente em área epidêmica (APARECE..., 1996: 8).

Em seu estudo, Lara (2019b) ressaltou que fontes da época, como os conteúdos do *Jornal do Brasil* e a declaração do sanitarista Eduardo Costa em debate no CEENSP, destacaram as condições dos motéis situados no epicentro da epidemia, nas proximidades da Rodovia Presidente Dutra (BR 116), como favoráveis à infestação do vetor e a disseminação da doença para outras regiões do país, uma vez que ela liga Fortaleza/CE à Jaguarão/RS, fronteira com o Uruguai.

Sobre o estado da paciente, o médico Carlos Homero Giacomini, diretor do hospital, informou se tratar de “senhora de meia idade” que ficaria hospitalizada até apresentar melhora em seu estado clínico (APARECE..., 1996). No dia seguinte, os leitores teriam conhecimento das condições em que se encontrava a convalescente, assim descrito por gestor daquela unidade hospitalar:

[...] após perceber seu péssimo estado de saúde, dirigiu-se a um médico, este a encaminhou até o Oswaldo Cruz, onde de imediato foi diagnosticada a dengue. Dias antes a mulher vinha apresentando quadro clínico evolutivo, [...] com dor nos olhos, febres e calafrios. No exame clínico realizado no hospital foi constatada hepatomegalia discreta (aumento de fígado), hipotensão moderada (pressão baixa) e discreto edema de membros inferiores. Pela impossibilidade de locomoção e pela gravidade do quadro, sua internação foi imediata (SÓ FALTAM..., 1986: 8).

Procurando afastar qualquer possibilidade de alarde entre a população curitibana, o médico

ênfatiou que o quadro sugeria se tratar da forma benigna da doença. Diante disso, ressaltou que a paciente estava tendo um tratamento sintomático, composto pela ingestão de líquidos, analgésicos e repouso, podendo, após sete dias, estar com a saúde restaurada e receber alta. Citou-se que o hospital, referência estadual no tratamento de doenças epidêmicas, contava com 70 leitos, distribuídos entre 40 reservados ao Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) e o restante ao público em geral. Um alerta foi dado ao fato de que treze viajantes ainda não tinham comparecido à Fundação de Saúde Caetano Munhoz da Rocha. Além desses, foi informado que os quatro motoristas da excursão, que já tinham feito viagens, após o retorno, para Foz do Iguaçu, Registro, Palmeira e Ponta Grossa, estavam sendo monitorados pela fundação e pelo Setor de Vigilância Epidemiológica da SESB. Por fim, a subseção *Dengue, conheça os sintomas*, reforçava informações que vinham circulando em matérias anteriores sobre a doença, como a sintomatologia, formas da doença e características do vetor *Aedes aegypti* (SÓ FALTAM..., 1986).

A característica de ‘benigna’ foi atribuída à dengue desde o início da epidemia de 1986, como mostra a análise de Lara sobre a sua repercussão nos jornais cariocas (2019b). A sua não letalidade e curso brando eram geralmente ressaltados, seja pela ideia ainda presente de se tratar de uma doença abstrata e distante, ou mesmo para amenizar a gravidade e complexidade da epidemia. Embora em 1981 Cuba tivesse sofrido com um grave surto de dengue hemorrágica, e nesse mesmo ano Boa Vista havia sido o primeiro palco oficial para esta doença no Brasil, no início da epidemia de 1986 ela ainda não parecia causar tanto temor (LARA, 2019b; LARA, 2020; LOPES e LARA, 2021).

22 casos de dengue em Curitiba era a manchete na parte alta da capa do número do dia 06 de maio. Na matéria completa era relatada que, no dia anterior, o médico Zuher Handar, chefe do Departamento de Epidemiologia e Controle de Doença da SESB, declarou que, aos 112 participantes da excursão, outros 21 casos diagnosticados clinicamente se somaram ao da internada no Hospital Oswaldo Cruz. Segundo ele, era aguardado para os próximos dias o resultado do diagnóstico laboratorial da amostra de sangue desses casos. Por fim, ressaltou que não foram identificados focos do vetor *Aedes aegypti* em Curitiba e que uma parceria estava sendo formada entre a SESB e a SUCAM no que se refere a atividades de pesquisa e enfrentamento de focos do vetor (AUMENTA..., 1986). Apesar desse esforço em manter a tranquilidade da população, Adherbal Fortes Júnior, em sua coluna, trouxe o seguinte conselho para as donas de casa naquele dia:

[...] um médico curitibano aconselha as donas-de-casa precavidas a dispensar o verde na decoração de interiores. Parece que os pratos usados para umedecer xaxins são um dos locais preferidos pelo *Aedes aegypti* para se reproduzir. O *Aedes aegypti*, para quem ainda não foi apresentado, é o mosquito responsável pela transmissão do dengue, uma epidemia que já invadiu o Paraná e pode chegar a Curitiba logo. Xaxins a distância (FORTES JUNIOR, 1986).

Apesar de não trazer informações relativas a outros criadouros, a coluna foi o primeiro conteúdo do periódico a destacar uma medida preventiva a ser tomada pelos moradores em suas residências. Esse silêncio pode ser derivado da forma verticalizada que tomou as campanhas

contra o vetor no país ou a ausência desse na região. No dia 07, a publicação informou uma nova declaração do Dr. Carlos Giacomini, que dava conta de que os resultados dos exames laboratoriais dos casos clínicos seriam divulgados no dia seguinte. Além disso, ele ressaltou que,

[...] havendo a confirmação de que o *Aedes aegypti* realmente foi causador dos efeitos causados no organismo das pessoas examinadas pelo HOC – aumento de fígado, pressão baixa e discreto edema de membros inferiores – então todo o esforço já efetivado pelos organismos de proteção à saúde e ao bem-estar social não terá sido em vão (SAÚDE DIVULGA..., 1986: 8).

Era exposto que a primeira vítima tinha recebido alta em função de sua melhora e dos resultados satisfatórios dos exames complementares realizados, para poder terminar sua recuperação em casa, mas mantendo o monitoramento pelo hospital (SAÚDE DIVULGA..., 1986). Nenhuma linha relativa aos resultados dos exames foi divulgada pelo jornal. O silêncio sugere que a doença não prosperou na capital paranaense, reverberando em desinteresse do diário. Ainda assim, a dengue no contexto de Curitiba seria vinculada a notícias sobre a instrução da polícia militar relativa a doença e a atuação de falsos agentes de saúde que revendiam um produto para a sua prevenção.

Se no Rio de Janeiro, o Exército Brasileiro empenhou forças para o enfrentamento da epidemia, no Paraná, o tema entrou na pauta da Polícia Militar (EXÉRCITO..., 1986; PMPR, 1986). Inquieto com as notícias de casos de dengue em Curitiba e de focos do vetor no interior, Luiz Eduardo K. Hunzicker, comandante da Companhia de Comando do Quartel Geral da Polícia Militar do Paraná, levou a cabo, em 13 de maio, uma palestra para os quadros da Companhia sobre a doença e a febre amarela. Em sua exposição no auditório da instituição, destacou a origem, a forma de transmissão e ações preventivas. Para o comandante, a explanação era de grande utilidade “tanto para o militar como pessoa, como policial, servindo para que ele possa desenvolver os devidos cuidados com sua família e, também, para agir com conhecimento em caso de ser solicitado como policial militar” (PMPR, 1986: 6).

A temporada de notícias no *Correio de Notícias* referentes à dengue no cenário curitibano em 1986 se encerrou em 17 de julho. Naquela edição é divulgada a denúncia da Divisão de Vigilância Sanitária da SESB feita à Delegacia de Crimes Contra a Economia Popular relativa à ação de supostos agentes sanitários daquela secretaria. Esses, em suas visitas domiciliares, estavam pressionando os moradores a adquirirem o dedetizador Cobraex, registrado no Ministério da Saúde, como parte da campanha de prevenção e eliminação de possíveis criadouros do vetor da dengue no município (FALSOS..., 1986). Enfim, se a presença de doentes era uma sombra da epidemia de dengue do Rio de Janeiro em Curitiba, no interior ela teria asas, o vetor *Aedes aegypti*.

A sombra alada da epidemia no interior paranaense

Como mostram Lopes e Silva (2019), o mosquito *Aedes aegypti*, e sua relação estabelecida com os humanos, rendeu análises na História da Saúde, das Doenças, das Ciências e Ambiental,

que ressaltaram processos de construção de conhecimentos científicos, políticas públicas e representações sociais em torno das arboviroses ocasionadas por esse relacionamento. Momentos de epidemias se apresentam como importantes quadros de visibilização dos vínculos entre o inseto e a população em determinado território. De fato, tal sentido pode ser notado no *Correio de Notícias*, quando se verifica, como outra decorrência da epidemia de dengue do Rio de Janeiro no território paranaense, a tensão e as respostas humanas quanto à presença do vetor da doença.

Em 04 de maio, era noticiada a revelação de Fernando Martins da existência de focos do vetor *Aedes aegypti* em Foz do Iguaçu e em outros doze municípios paranaenses. Além disso, o diretor da SESB reverenciou o trabalho de vigilância e combate aos focos identificados em localidades desde 1985. Em 1986, conforme o relato, a equipe tinha conseguido eliminar infestações em Cruzeiro do Oeste e São José dos Pinhais. Ações de combate ao mosquito em Umuarama, Maringá, Arapongas, e Mandaguari estavam em curso (FOCOS..., 1986: 8). Outro a dar um panorama do quadro da situação da presença do vetor e das ações antivetoriais era o diretor regional da SUCAM no Paraná, o engenheiro Gildardo Tomich, presença em várias matérias sobre o tema no jornal. Segundo Tomich, diante das notícias da proliferação de casos e presença vetorial no país, as atividades de vigilância sanitária, que vinham ocorrendo há cinco anos em aeroportos, portos, como o de Paranaguá, estações rodoviárias e ferroviárias, seriam reforçadas. O objetivo era aperfeiçoar o bloqueio à entrada do vetor, evitando novos focos no Paraná. Tal sistemática também se aplicaria às rodovias, sobretudo as que ligavam o Paraná à São Paulo e Mato Grosso. Ademais, sugeriu o exame sanguíneo para aqueles que fossem realizar viagens interestaduais (SÓ FALTAM..., 1986).

Em nova aparição, no dia 06 de maio, o diretor da SUCAM esclareceu que a campanha de vacinação antiamarilica, em Cascavel, visava a prevenção da forma silvestre da febre amarela transmitida pelas espécies do gênero *Haemagogus*, cujas larvas foram encontradas na região e que não era vetor da dengue. Em relação ao *Aedes aegypti*, frisou que “os focos [...] localizados estão sendo combatidos pela SUCAM e não há razão para alarme da população” (AUMENTA..., 1986: 8). Quanto à metodologia da atividade, ele relacionou as situações e os tipos de inseticida utilizados: o antilarvário ABATE era utilizado para o tratamento focal, isto é, no imóvel infestado pelo vetor, e, para o tratamento perifocal, ou seja, no território adjacente ao imóvel infestado, eram utilizados os Subition e o Malathion, inseticidas em pó, preparados à base de água³ (AUMENTA..., 1986). Por sua vez, Sérgio Rombaudo Reis, funcionário da SUCAM em Foz do Iguaçu, negou os rumores de que havia casos de dengue naquela localidade. Todavia, lembrou que focos de seu vetor, geralmente oriundos da margem paraguaia do rio Paraná, estavam sendo monitorados pelo órgão (AUMENTA..., 1986).

Tomich voltou à cena em 23 de maio, quando seu anúncio de eliminação de criadouros em Arapongas, Mandaguari, Maringá e Bela Vista do Paraíso foi reproduzido pela publicação. Assim, o engenheiro descreveu a logística que resultou naquele êxito:

As larvas do “*aedes aegypti*” foram detectadas nas borracharias porque seus proprietários, alertados pelas notícias a respeito da dengue, requisitaram a pre-

3. Sobre as controvérsias envolvendo o melhor tratamento contra o mosquito na epidemia de dengue de 1986, consultar os trabalhos de Lara (2020) e Lopes e Lara (2021).

sença de agentes sanitários para uma investigação. No terminal de Maringá e em Bela Vista do Paraíso, os focos apareceram por onde passaram um ônibus de Birigui, Noroeste de São Paulo. Para eliminar os focos, a SUCAM, imediatamente pulverizou os locais num raio de 150 metros, com os venenos Malathion e Sumation (LOCALIZADOS..., 1986: 8).

Salientou que regiões com reconhecido histórico da presença do mosquito eram permanentemente monitoradas por 100 agentes da SUCAM, em visitas “a cada dois meses, desde 1975” (LOCALIZADOS..., 1986: 8). Ele informou que o Ministério da Saúde autorizou a “contratação de mais 40 funcionários, uma máquina tomizadora (fumacê), 300 pulverizadores, 20 tomizadores costais, nove veículos e inseticida” para o controle vetorial no Paraná (LOCALIZADOS..., 1986:8)⁴. Por fim, relacionando o constante aparecimento de focos em Foz do Iguaçu e ausência de políticas de fiscalização e combate ao vetor no Paraguai, enfatizou a importância de a OPAS alavancar uma nova campanha continental erradicacionista, algo que já vinha sendo defendido desde os fins da década de 1970 pelas autoridades sanitárias nacionais (BENCHIMOL, 2001). Para Tomich, essa campanha seria importante condição para políticas brasileiras livrarem o país dessas arboviroses. Além do fator continental, lembrou que o Regime Ditatorial brasileiro também tinha colaborado com as ameaças derivadas do vetor, uma vez que “a política do Delfim Neto foi a de não ligar para o problema de saúde” que, tendo conhecimento de “um projeto para erradicação entre 1970-80 do mosquito *Aedes aegypti*”, apresentado na época, preferiu “investir em outros setores” (LOCALIZADOS..., 1986: 8). Entretanto, no dia seguinte, as notícias contraditaram o diretor da SUCAM.

Identificados mais 38 focos de dengue era o título da matéria na edição de 24 de maio, que inclusive, lhe valeu destaque na capa. Os achados foram informados pela SUCAM, e estavam localizados em municípios da região norte paranaense, com destaque para Londrina e Maringá. Ao citar esses dados, o diário lembrou que tal cenário vem a luz “após insistentes negativas da existência do *Aedes aegypti* no Estado e declarações enfáticas de que não há risco de acontecer aqui uma epidemia da doença que já acometeu 350 mil pessoas no Rio de Janeiro” (IDENTIFICADOS..., 1986: 5). Para o alento dos leitores, além de citar a eliminação de focos em Mandaguari, Arapongas e Bela Vista do Paraíso, a declaração da médica Norico Misuta, do 15º Distrito Sanitário, ressaltou o fato de não ter se registrado mosquitos ou pessoas portando os vírus da doença. Apesar dos achados, é informado que não existia previsão de campanha de vacinação antiamarílica pela SUCAM para a região.

Outro a se manifestar de forma otimista quanto a não instalação de uma epidemia de dengue foi o médico sanitarista e professor titular da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Enio Luz. Em 05 de junho era divulgada a sua conferência *Epidemiologias no Brasil* no auditório da Reitoria da UFPR, parte do programa de conferências do projeto “Ciência às seis e meia”, iniciativa da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários. Ele informou que a apresentação contemplaria as características da febre amarela, malária e dengue, importantes arboviroses da época. Quanto ao perigo de uma epidemia de dengue ou febre amarela, o professor afirmou que “o Paraná está

4. Notícias sobre a compra de “fumacês” e sobre a situação precária da SUCAM também foram analisadas no trabalho de Lara (2019b), para a região de Nova Iguaçu-RJ.

tranquilo, porque há mais de sete anos, uma rede epidemiológica vem combatendo focos do *Aedes aegypti*, não permitindo a expansão do mosquito”. Ademais, destacou os quatro tipos da dengue, e a tese de origem estadunidense do vetor e do vírus no Brasil. Ao término, ponderou que, diferente da febre amarela, em que é preciso “um grande número de mosquitos para haver a contaminação, o dengue pode surgir de apenas um ou dois insetos e que a ocorrência no Estado do Rio de Janeiro era ‘anômala” (AEDES..., 1986: 7).

Um indício de que a dengue e seu vetor tinham se tornado preocupação de Estado e da população paranaense era o fato de que informações “a respeito da dengue, o que é exatamente essa doença, como é contraída e os seus sintomas principais”, estava contemplada no serviço de Tele-Saúde, destaque de matéria publicada no dia 26 daquele mês. Acessível ao público de segunda a sexta-feira, das 7 às 24 horas, o serviço de utilidade pública era mantido pelo Instituto de Previdência do Estado (TELE-SAÚDE..., 1986: 7).

O último registro quanto ao cenário interiorano pelo *Correio de Notícias* foi a promoção de um mutirão de limpeza em Cascavel, em 10 de julho. A campanha foi promovida pela prefeitura e com apoio da iniciativa privada de Cascavel, que tinha como foco a dengue, a partir da eliminação dos focos do seu vetor. Para isso, as famílias foram mobilizadas a identificar e recolher possíveis criadouros do inseto, como garrafas, pneus velhos, latas, entre outros, que deveriam ser descartados em pontos pré-determinados, para o recolhimento pelos caminhões do serviço municipal de limpeza pública. Foi lembrado que o município tinha sido alvo de recente campanha de vacinação antiamarílica promovida pela SUCAM (CASCAVEL..., 1986).

Por fim, o diário divulgou o processo de construção de um plano nacional de enfrentamento da dengue pelo Ministério da Saúde, entre fins de maio e início de junho, tendo, como objetivo principal, a erradicação do vetor em 12 estados, entre eles o Paraná (PLANO..., 1986; SAÚDE..., 1986; PROGRAMA..., 1986). Contudo, nenhum indício foi encontrado sobre a implantação de atividades desse plano em localidades paranaenses no *Correio de Notícias*.

Considerações finais

Na década de 1990, o fantasma da dengue se materializaria. Após os eventos trazidos à luz por essa análise, casos importados da dengue voltariam a ser registrados no Paraná em 1991. Em 1993, foram notificados os primeiros casos autóctones do estado em Ibiporã e Cafezal do Sul. Na história da “nova dengue”, a primeira grande epidemia em terras paranaenses foi registrada em 1995, redundando nos esforços de criação e implementação das primeiras políticas públicas estaduais, com certa regularidade, direcionadas para o controle da incidência da doença. Esse controle teria nas ações antivetoriais, já presentes em 1986 e transplantadas para o Sistema Único de Saúde, principal carro-chefe. Apesar de não ter sofrido diretamente com o evento, Curitiba registrou, pela primeira vez, focos do vetor *Aedes aegypti* (PAULA, 2005). A Série Histórica de Incidência e Letalidade da Dengue (2000-2016), publicada pela Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba (2016), sugere que os primeiros casos da doença passaram a ser notificados em 2000 e que, em 2003, o município, viveria seu primeiro surto epidêmico, simultaneamente, com várias regiões paranaenses (PAULA, 2005). Esses marcos indicam o potencial de uma temática

que aguarda pesquisas no campo da História para o seu aprofundamento.

Enfim, o contexto analisado, tendo como fontes a imprensa local, como o *Correio de Notícias*, confirma a viabilidade de pesquisas que abordem a recepção e os antecedentes do estabelecimento do drama de pandemias e epidemias em regiões que se encontrem indenes da doença a partir das páginas dos jornais. Essa dinâmica pode favorecer o fomento de estudos comparativos de cenários. Em termos conceituais, a noção de representação social da doença se mostrou factível em contribuir como importante aparato para pensar os antecedentes que abarcam o conjunto de manifestações que podem ser captadas em documentos produzidos anteriormente a uma pandemia ou epidemia. No caso do periódico paranaense, verificou-se a construção de uma representação social da dengue no Paraná que agregou, como elementos, a presença de doentes e do vetor em seu território, derivando da experiência epidêmica no Rio de Janeiro. Por outro lado, é importante ressaltar que, como nas localidades fluminenses, a dengue, ao visibilizar o mosquito *Aedes aegypti*, contribuiu para alertar quanto ao perigo do fantasma do mal amarelo em terras paranaenses. Diante disso, mesmo que esses fenômenos não estejam instalados biologicamente em dada comunidade, eles podem ser tratados como um prólogo epidêmico.

Referências

Fontes Primárias

DENGUE: confirmação sábado. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 1451, 25 abr., 1986, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11406. Acesso em: 10 jan. 2021.

MINISTRO Roberto Santos foi ver dimensões do dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01453, 27 abr., 1986, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11444. Acesso em: 10 jan. 2021.

ESTÁ internada no Oswaldo cruz.... *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01457, 03 mai., 1986, capa. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11529. Acesso em: 10 jan. 2021.

APARECE um caso de “dengue” em Curitiba. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01457, 03 mai., 1986, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11536. Acesso em: 10 jan. 2021.

SÓ FALTAM os exames confirmarem os 19 casos de dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01458, 04 mai. 1986, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11552. Acesso em: 10 jan. 2021.

22 CASOS de dengue em Curitiba. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01459, 05 mai. 1986, capa. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11575. Acesso em: 10

jan. 2021.

AUMENTA o número de casos suspeitos de dengue em Curitiba. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01459, 06 mai. 1986, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11582. Acesso em: 10 jan. 2021.

FORTES JÚNIOR, Adherbal. Conselho. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01459, 06 mai. 1986, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11583. Acesso em: 10 jan. 2021.

SAÚDE divulga amanhã resultado de exames dos 22 suspeitos de dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01460, 07 mai. 1986, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11598. Acesso em: 10 jan. 2021.

IZABEL, EDDE. NEGATIVO. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01460, 07 mai. 1986, p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11603. Acesso em: 10 jan. 2021.

VENEZUELA luta contra dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01461, 08 mai. 1986, p. 06. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11612. Acesso em: 10 jan. 2021.

CINCO casos de dengue confirmados *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01461, 08 mai. 1986, p. 06. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11612. Acesso em: 10 jan. 2021.

PODE haver epidemia de dengue em 2 anos. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01463, 10 mai. 1986, p. 06. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11652. Acesso em: 10 jan. 2021.

EXÉRCITO combaterá mosquito da dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01465, 13 mai. 1986, p. 06. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11696. Acesso em: 10 jan. 2021.

PMPR Informa. Dengue e febre amarela é tema de instrução a policiais. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano V, edição 01465, 13 mai. 1986, p. 06. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11700. Acesso em: 10 jan. 2021.

COMPROMISSO renovado. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1467, 15 mai. 1986, capa. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/325538_01/11723. Acesso em: 10 jan. 2021.

EPIDEMIA do dengue está em declínio. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1471, 21 mai. 1986, p. 06. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11852. Acesso em: 10 jan. 2021.

em: 10 jan. 2021.

SUCAM elimina aqui cinco focos do mosquito da dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 01473, 23 mai. 1986, capa. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11879. Acesso em: 10 jan. 2021.

LOCALIZADOS 5 focos de “*Aedes aegypti*” no interior do Paraná. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1473, 23 mai. 1986, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11886. Acesso em: 10 jan. 2021.

DENGUE: descobertos mais 34 focos entre Londrina e Maringá. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1474, 24 mai. 1986, capa. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11901. Acesso em: 10 jan. 2021.

SURTO de dengue não vai se espalhar, diz Sarney pelo rádio. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1474, 24 mai. 1986, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11905. Acesso em: 10 jan. 2021.

IDENTIFICADOS mais 38 focos de dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1474, 24 mai. 1986, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11908. Acesso em: 10 jan. 2021.

BATE-rebate. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1478, 29 mai. 1986, p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11994. Acesso em: 10 jan. 2021.

SCHAITZA, Renato. Futebol não é aqui. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1481, 01 jun. 1986, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/11994. Acesso em: 10 jan. 2021.

PLANO nacional contra a dengue está pronto. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1482, 03 jun. 1986, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12068. Acesso em: 10 jan. 2021.

SAÚDE define métodos anticoncepcionais. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1484, 05 jun. 1986, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12100. Acesso em: 10 jan. 2021.

AEDES não ameaça o PR. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1484, 05 jun. 1986, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12101. Acesso em: 10 jan. 2021.

PROGRAMA contra dengue lançado hoje. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1486, 07 jun. 1986, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12138. Acesso em: 10 jan. 2021.

FIGURAS e fatos. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1488, 10 jun. 1986, p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12191. Acesso em: 10 jan. 2021.

DENGUE pode chegar aos EUA. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1497, 20 jun. 1986, p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12359. Acesso em: 10 jan. 2021.

TELE-SAÚDE completou um ano e já atendeu 150 mil solicitações. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1502, 26 jun. 1986, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12453. Acesso em: 10 jan. 2021.

“AEDES albopictus” não é risco maior. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1504, 28 jun. 1986, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12490. Acesso em: 10 jan. 2021.

PESQUISA sobre Aedes Egypti. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1504, 28 jun. 1986, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12494. Acesso em: 10 jan. 2021.

CASCAVEL na campanha de combate à dengue. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1514, 10 jul. 1986, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12692. Acesso em: 10 jan. 2021.

FALSOS fiscais da Saúde aplica golpe da dengue em Curitiba. *Correio de Notícias*, Curitiba, ano VI, edição 1520, 17 jul. 1986, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/325538_01/12821. Acesso em: 10 jan. 2021.

SADI, Andréia. Para ministro da Saúde, dengue é ‘muito mais grave’ que coronavírus no Brasil. Política. Blog da Andreia Sadi. *Portal G1*, Rio de Janeiro, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2020/02/04/para-ministro-da-saude-dengue-e-mais-grave-que-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SABIN quer campanha similar à do pólio no combate à dengue. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano XCVI, n. 67, 1º Caderno, 14 jun. 1986, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/116574. Acesso em: 10 jan. 2021.

FIOCRUZ nega dengue hemorrágica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano XCVI, n. 88, Caderno Cidade, 5 jul. 1986, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/117647. Acesso em: 10 jan. 2021.

Bibliográficas

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4 n. 1, mar.- jun., 1997, p. 11-30. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n1/v4n1a01.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BULHÕES, Tatiana da Silva. Quem é o pai do mosquito? discutindo a responsabilidade governamental sobre a epidemia de dengue. In: XIII Encontro de História Anpuh-rio, 2008, Rio de Janeiro. Anais do XIII Encontro de História Anpuh-Rio, 2008. Disponível em: Microsoft Word - 1212973950_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2008.doc. Acesso em: 20 jan. 2020.

CHIARAVALLOTI Neto, Francisco et al. Avaliação de ações municipais de combate a vetores da dengue na região de São José do Rio Preto, São Paulo, 1989 a 1995. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*. Uberaba/MG, 1999, v. 32, n. 4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0037-86821999000400004>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CUNHA, Neiva Vieira da. O Fantasma da Reinfestação: a epidemia de dengue no Rio de Janeiro como drama social. *Comum (FACHA)*, Rio de Janeiro, v. 7, n.18, p. 83-111, 2002.

FAGUNDES, Ana Maria de Souza. *O processo denunciador: retóricas, fobias e jocosidades na Construção Social do Dengue em 2002*. Tese de Mestrado em Antropologia e Ciência Política, UFF, Niterói, 2004.

FONSECA, Ana Carolina Rezende; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Uma breve história da epidemia de cólera na província de Minas Gerais. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André Mota. (Org.). *No rastro das províncias: as epidemias no Brasil oitocentista*. Vitória: EDUFES, 2019, p. 219-254.

JUNQUEIRA, Luiz Carlos; CARNEIRO, José. *Histologia básica: texto & atlas*. Brasil: Guanabara Koogan, 2017.

LARA, Jorge Tibilletti de. A febre dengue em Curitiba, de Trajano Joaquim dos Reis. *Temporalidades – Revista de História*, ISSN 1984-6150, Edição 30, v. 11, n. 2, Mai./Ago. 2019a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/12265/12231>. Acesso em: 10 mar. 2020.

_____. A virologia no Instituto Oswaldo Cruz e a emergência da Dengue como problema científico. 2020. 224 f. Dissertação, (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

_____. As impressões da primeira grande epidemia de dengue no Brasil entre os jornais O Globo, O Fluminense e Jornal do Brasil. *Revista Trilhas da História*, v. 8, n. QQ4TQHU16, p. 177-194, 2019b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334151037_As_impressoes_da_primeira_grande_epidemia_de_dengue_do_Brasil_entre_os_jornais_O_Globo_O_Fluminense_e_Jornal_do_Brasil_1986. Acesso em: 11 nov. 2019.

LEANDRO, José Augusto; BARSZCZ, Marcos Vinícius. A AIDS personificada no jornal Correio de Notícias (PR), 1987 a 1992. *RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 92-105, jan./mar. 2021.

LOPES, Gabriel; LARA, Jorge Tibilietti de. Entre a arma biológica e o “mosquito estadual”: cooperação Brasil-Cuba e as epidemias de dengue (1981-1988). *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 13, n. 29, p. 72-92, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/804/494>. Acesso em: 09 mai. 2021.

_____; SILVA. André Felipe Cândido. O *Aedes aegypti* e os mosquitos na historiografia: reflexões e controvérsias. *Tempo e Argumento*, v. 11, n. 26, p. 67-113, 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311262019067/9986>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A pandemia de Covid-19: interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente. In: SIQUEIRA, T. R. et al. (org.). *Coleção história do tempo presente: volume 3*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. p. 225-249.

MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.

Artigo submetido em 05/05/2021

Aceito em 30/06/2021